

# “Não sei correr como



Carolina nasceu com 29 semanas e 1,100 kg



Com um mês de vida deram-lhe alta e foi para casa



A bebé já tinha 10 meses quando foi detectada a doença

Desde que descobriu o problema, a família tem lutado para que a menina vá a Cuba fazer os tratamentos que Portugal não tem para oferecer

■ Não são necessários mais do que cinco minutos para se sentir empatia com a pequena **Carolina Lucas**. Aos 3 anos e meio, esta princesinha, tão bela quanto frágil, é vítima de uma paralisia cerebral que a impede de gatinhar, andar e correr. Depois do recurso a todas as possibilidades em território nacional, foi em Cuba que se acendeu a luz da esperança para esta família, que está disposta a tudo e não vai desistir até ver Carolina andar.

**“Começou logo a comer porque tinha instinto de sucção e aumentou para o dobro do peso”**  
**CARLA BRITO**

## Nasceu com 1,1 kg

Apesar de não ter sido planeada, Carolina foi uma bebé muito desejada e tudo correu bem na gravidez até às 29 semanas. Nessa altura, e sem que nada o fizesse prever, a bebé teve pressa para ver o mundo cá fora e nasceu. “Era um pacotinho de arroz” com 1,1 kg (como a família costuma dizer), que reagiu bem e nem sequer teve de ser ventilada. “Esteve um mês na incubadora, começou logo a comer porque tinha o instinto de sucção, que

a maioria dos prematuros não tem, e aumentou para o dobro o peso”, explica **Carla Brito**, tia da Carolina. Por isso, deram-lhe alta e veio para casa sem necessidade de cuidados especiais. A família estava deliciada com o novo rebento, que ria, palrava e era muito expressivo. Apenas um pequeno senão: “Em exames de rotina, normais nos prematuros, detectaram-lhe leucomalácia periventricular. Ainda hoje não sabemos bem o que é, mas disseram-nos sempre que era normal nos prematuros. Parece que tem a ver com os espaços vazios no cérebro, que não tiveram tempo de ser preenchidos, mas que acabam por sê-lo”, refere Carla.



**CEREBRAL** por ter nascido prematura

# os outros meninos”



Apesar das dificuldades, Carolina quer fazer tudo sozinha: por isso, aprendeu a mexer melhor os braços



Aos 5 meses, altura em que os bebés costumam sentar-se, a família assustou-se. “Ela não gatinhava, não se sentava e a cabeça estava sempre a tobar. A pediatra afirmava que isso era normal, que se tinha de corrigir com o tempo, mas

os meses iam passando e não havia melhoras”, recorda a tia. Só aos 10 meses é que a pediatra da menina se convenceu de que algo não estava bem.

Mandou fazer exames e acabou por concluir que a bebé sofria de paralisia cerebral.

### Dar a volta por cima

Uma notícia desta natureza constituiria um choque para qualquer família. Mas o clã de Carolina, além de se caracterizar pela alegria e pelo optimismo, já andava a preparar-se para uma má notícia há algum tempo. “Foi tudo muito gradual. Procurámos na internet, começámos a perceber o que

se passava e fomos mentalizando”, explica Carla. Até porque a preocupação da família era encontrar soluções e não lamentar a partida que o destino lhe tinha pregado. Carolina passou, então, a ser seguida no Centro de Paralisia Cerebral,

integrada num programa que contempla fisioterapia, educadora, terapia da fala, etc. Só que “ela precisava de ser muito mais estimulada e não

**Passados 32 meses de fisioterapia e tratamentos, Carolina não apresenta melhoras**

conseguimos isso em Portugal. Faz o programa apenas duas vezes por semana, em sessões de 40 minutos cada, porque o centro vive de caridade e tem de se dividir por muitas crianças. E não há mais nenhum onde recorrer”. Por este motivo, passados 32 meses, Carolina ainda não apresenta melhoras visíveis e a perspectiva que os médicos apontam é a cadeira de rodas eléctrica. Mas a família não se conforma com este diagnóstico e promete lutar.

É uma criança muito alegre e “cheia de estilo”. Em baixo, com a mãe, a fingir conduzir o carro



# Só aos 10 meses é que se descobriu a doença

## Uma pequena grande menina

Carolina é uma criança muito esperta. O seu desenvolvimento cognitivo e intelectual é perfeitamente normal para a idade, fala muito bem, é risosa, tranquila, adora o Ruca e o Noddy e tem medo do Pai Natal e dos palhaços. Mas tem graves e sérios problemas a nível motor: não gatinha, não se senta sem ajuda, não anda e tem alguma dificuldade em manejar objectos com as mãos, principalmente se envolver perícia de movimentos. "Abotoar botões ou pôr uma tampa numa caneta é complicado para ela. Ainda assim, a maior evolução nota-se nos braços, porque ela é muito esforçada e quer fazer tudo sozinha", conta Carla. A caminho dos 4 anos, já tem perfeita noção da diferença que a distingue das outras crianças, "Não sei correr como os outros meninos", diz. A avó, Leonilde Brito, acrescenta: "No infantário, os meninos andam sempre de volta dela, chamam-lhe princesa". Dentro das suas limitações, faz uma vida normal e adora andar na rua com a avó, que cuida dela enquanto os pais estão a trabalhar. "É muito querida por toda a gente e tem imensos amigos, quase todos da idade dela. Adora andar na rua, ir ao parque e está sempre a pedir para ir aos hipermercados às compras."

Abotoar botões ou pôr uma tampa numa caneta ainda é muito complicado para ela

## Esperança em Cuba

Com a falta de melhoras, a família da Carolina começou





Quando não está na escola ou em tratamentos, Carolina passa grande parte do seu tempo com a avó, Leonilde Brito, e a tia, Carla Brito, que lhe criou o sítio na net



Com 2 meses, parecia um bebé normal mas aos 2 anos já se notava o seu atraso



a procurar soluções além-fronteiras. O CIREN (Centro Internacional de Restauração Neurológica de Cuba) parecia ser uma boa opção e a família não perdeu tempo, entrando em contacto com os especialistas. "As perspectivas são animadoras." Numa primeira fase (1º ciclo), a menina será sujeita a uma avaliação e só depois se saberá quantos ciclos de tratamento serão necessários.

**A família já reuniu dinheiro para o primeiro tratamento, mas não sabe quantos ainda vão ser precisos**

Para já, esperam-na 35 dias de tratamento, seis dias por semana, sete horas por dia, o que, para uma criança da idade dela, será duro. "Não tem grande paciência para os tratamentos", revela Carla. Só que as terapias são muito dispendiosas e esta família precisa de ajuda financeira para os suportar. O primeiro ciclo custa 15 mil euros e ainda não se sabe se virá a precisar de mais. ■

## O PESO DA SOLIDARIEDADE

Sem perder tempo, a tia de Carolina – Carla –, que é designer gráfica de profissão, avançou com a criação de um sítio na internet, [www.carolinalucas.com](http://www.carolinalucas.com), com o objectivo de conseguir algum apoio financeiro para a causa. "Nunca pensei que fosse tão divulgado e que as pessoas fossem tão sensíveis. Fizemos um leilão com peças doadas, que resultou muito bem. Até tacos de golfe nos deram! Também pedimos, fizemos rifas e tudo o que estava ao nosso alcance", conta a tia da menina. A verdade é que, menos de um ano depois, conseguiram reunir

os 15 mil euros necessários para o primeiro tratamento e Carolina embarcou para Cuba no passado dia 19. Na mala levava a esperança, como descreveu a sua avó: "Temo-la motivado com a ida a Cuba, que é lá que vai aprender a andar. Digo-lhe que, quando chegar, dá a mãozinha à avó e vem a andar, mas ela não quer a minha mão, diz que vem sozinha". Mas alguns ciclos mais serão necessários até esse dia chegar e é por isso que a sua ajuda continua a ser tão importante. Visite a Carolina na net, acompanhe o diário de Cuba e deixe-lhe o seu carinho!